

## CONCEPÇÃO DE HOMEM, TRABALHO, CULTURA E EDUCAÇÃO EM ÁLVARO VIEIRA PINTO

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

### Correspondência ao Autor

Nome: Vanderlei Amboni

E-mail:

vanderlei.amboni@unespar.edu.br

Instituição: Universidade Estadual do Paraná, Brasil

Submetido: 17/07/2023

Aprovado: 09/09/2023

Publicado: 15/04/2024

 10.20396/rho.v24i00.8674005

e-Location: e024012

ISSN: 1676-2584

### Como citar ABNT (NBR 6023):

AMBONI, V. Concepção de homem, trabalho, cultura e educação em Álvaro Vieira Pinto. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, SP, v. 24, p. 1-21, 2024. DOI:

10.20396/rho.v24i00.8674005.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8674005>. Acesso em: 15 abr. 2024.



**Vanderlei Amboni\***

Universidade Estadual do Paraná

### RESUMO

O artigo traz um estudo sobre a concepção de homem, trabalho, cultura e educação em Álvaro Borges Vieira Pinto (AVP). Filósofo brasileiro que dedicou sua vida aos estudos sobre existência, ciência e desenvolvimento nacional. Nosso objetivo é compreender o pensamento de AVP sobre a cultura humana em sua totalidade e as relações estabelecidas pelo homem na luta pela vida em seus aspectos materiais, sob a premissa da dialética na apreensão do mundo humano e as relações da ciência neste devir histórico. O material investigado traz autores como Adam Schaff, Erich Fromm, Victor Paro etc., e do material produzido por AVP. O mundo humano é um mundo da natureza, cuja investigação das relações humanas é produto do homem, sob a concepção que o mesmo engendra para si. Na investigação do objeto, a base é o materialismo, que se fundamenta na história, cujo resultado o leitor está convidado a conferir.

**PALAVRAS-CHAVE:** Homem. Cultura. Trabalho. Educação. Formação humano-social.

Distribuído  
Sobre



Checagem  
Antiplágio



## CONCEPTION OF MAN, WORK, CULTURE AND EDUCATION IN ÁLVARO VIEIRA PINTO

### Abstract

The article brings a study on the conception of man, work, culture and education in Álvaro Borges Vieira Pinto (AVP). Brazilian philosopher who dedicated his life to studies on existence, science and national development. Our goal is to understand AVP's thinking about human culture in its entirety and the relationships established by man in the struggle for life in its material aspects, under the premise of dialectic in the apprehension of the human world and the relations of science in this historical becoming. The investigated material brings authors such as Adam Schaff, Erich Fromm, Victor Paro, etc., and the material produced by AVP. The human world is a world of nature, whose investigation of human relations is the product of man, under the conception that it engenders for itself. In the investigation of the object, the base is materialism, which is based on history, whose result the reader is invited to check.

**Keywords:** Man. Culture. Work. Education. Human-social formation.

## CONCEPCIÓN DEL HOMBRE, EL TRABAJO, LA CULTURA Y LA EDUCACIÓN EN ÁLVARO VIEIRA PINTO

### Resumen

El artículo trae un estudio sobre la concepción del hombre, el trabajo, la cultura y la educación en Álvaro Borges Vieira Pinto (AVP). Filósofo brasileño que dedicó su vida a estudios sobre existencia, ciencia y desarrollo nacional. Nuestro objetivo es comprender el pensamiento de AVP sobre la cultura humana en su totalidad y las relaciones establecidas por el hombre en la lucha por la vida en sus aspectos materiales, bajo la premisa de la dialéctica en la aprensión del mundo humano y las relaciones de la ciencia en este convertido histórico. . El material investigado trae autores como Adam Schaff, Erich Fromm, Victor Paro, etc., y el material producido por AVP. El mundo humano es un mundo de la naturaleza, cuya investigación de las relaciones humanas es el producto del hombre, bajo la concepción de que se engendra para sí mismo. En la investigación del objeto, la base es el materialismo, que se basa en la historia, cuyo resultado se invita al lector a verificar.

**Palabras clave:** Hombre. Cultura. Trabajo. Educación. Formación humana-social.

## INTRODUÇÃO

Neste texto, o foco é a investigação sobre a concepção de homem, trabalho, cultura e educação presente em Álvaro Borges Vieira Pinto<sup>1</sup> no devir histórico e no processo de formação do humano-social, que são objetos de reflexão e análise. O processo investigado são os escritos de AVP sobre a existência do homem, trabalho, cultura e educação, cujo interesse manifesto na investigação sobre as obras de AVP e compreensão sobre a formação humana pelo trabalho, cuja singularidade da vida cria o mundo humano e suas manifestações culturais e, com ela, a educação em seu processo humano-histórico-dialético. Nele, a vida do homem é um devir posto pelo processo de separação da barreira natural, sob o qual emerge o trabalho como ato pensado na materialidade do objeto, que possui valor de uso e uma natureza humana trabalhada no ato de produzir. De forma precisa, Vieira Pinto assinala a amaterialidade em seu processo de domínio sob o fazer, sob tornar objeto o concreto pensado. Neste processo, o controle sobre a amaterialidade objetiva no processo de produção de instrumentos necessários à vida do homem. Mas AVP aborda também a educação no devir histórico-formativo-social do homem. Neste processo, o homem é um ser histórico-dialético, cuja natureza humana se processa na amaterialidade de bens produzidos pelo trabalho no ato da produção da existência. No ato da produção da vida material é singular o ato de comer, beber, vestir-se, se abrigar e amar tornado humano. É isto se faz e se aprimora por meio da amaterialidade, que produz o projeto pensado pelo homem de forma que as necessidades sejam atendidas por meio da materialidade dada pelo trabalho, pois, afirma Vieira Pinto (2005, p. 245), “[...] todo práxis visa a realizar o ser do homem, isto é, com o domínio cada vez ativo no mundo onde se acha”. Nela, se manifesta a natureza humana, cuja existência é produto do tornar-se homem e, neste processo, tornar-se ser cultural, portanto criador de instrumentos de trabalho e de ideias. Nesse sentido, o homem desenvolve técnicas de trabalho e habilidades manuais que o permitem criar para si o espaço onde se instala e vive nas condições dadas pela natureza e estabelecidas socialmente por meio da cultura material. Com efeito, Vieira Pinto (1969, p. 121-122) assevera:

A cultura é uma criação do homem, resultante da complexidade crescente das operações de que esse animal se mostra capaz no trato com a natureza material, e da luta a que se vê obrigado para manter-se em vida. Os animais, mesmo os de complexidade orgânica relativamente alta, não produzem a própria existência, mas apenas a conservam com o uso dos instrumentos naturais de que seu corpo é dotado e que lhes permitem um conhecimento da realidade suficiente para a procura e identificação do alimento, o encontro de condições de abrigo e a tomada de atitudes defensivas, que lhes asseguram, com caráter constante, as condições de vida. No homem esta situação se alterou; a capacidade de resposta à realidade cresceu de intensidade e qualidade, porque, ao longo do processo de sua formação como ser biológico, as transformações do organismo lhe foram permitindo, em virtude do desenvolvimento da ideação reflexiva, inovar as operações que exerce sobre a natureza, e com isso praticar atos inéditos, desconhecidos no passado da espécie. Tais atos vão-se acumulando na consciência comunitária, graças à hereditariedade social

dos conhecimentos adquiridos, porque, em virtude dos favoráveis resultados que propiciam, são recolhidos, conservados e transmitidos de uma geração a outra.

Para esse fim, as obras de referência que foram objeto de estudos e reflexões traz a compreensão que AVP tem sobre o fundamento do trabalho na existência do homem e, a partir dele, as relações de produção da vida material e cultural e as formas de educação no devir da sociabilidade do homem, cuja consciência crítica, nos ensina Vieira Pinto (2005, p. 226), “[...] toma consciência de seus determinantes no processo histórico da realidade, sempre porém aprendendo o processo em totalidade e não considerando determinantes os fatores correspondentes aos interesses individuais”, pois

[...] considere-se que em qualquer sociedade o homem é necessariamente levado a pensar de acordo com o modo de produção desenvolvido no momento em que ele está vivendo, pois a maneira como nos organizamos para produzir a nossa sobrevivência determina nossa forma de pensar e agir socialmente, fazendo com que nos tornemos seres situados no tempo e no espaço [...] (Bezerra Neto, 2009, p. 3).

Para nossa intenção, o texto apresenta duas seções: Na primeira, abordaremos a natureza e sociabilidade do homem, cuja vida é a realização do ato constitutivo no processo de amaterialidade e na relação existencial entre o homem e a realidade, “[...] a linguagem distribui-se ao longo de todo o processo do conhecimento, desde as formas incipientes dos tropismos, dos hábitos, instintos e reflexos condicionados [...]” (Vieira Pinto, 1969, p. 80) pela luta diária pela vida, cuja natureza dialética se manifesta no ato de fazer-se humano. Neste processo, Vieira Pinto (1969, p. 80) sustenta que “[...] a linguagem sempre existiu, visto que não significa outra coisa senão a manifestação da interação entre a matéria viva e o meio exterior”, o que dota o ser natural de meios de comunicação na organização da vida, do tornar-se humano na criação do mundo humano.

Na segunda seção, nosso objeto é o trabalho, cultura e educação na materialidade no devir do homem. A base de reflexão é o materialismo histórico-dialético, cujo trabalho está na essência da hominização, que tem na produção da vida material a produção da cultura e da educação como elo de sociabilidade e de reprodução da vida material. Neste processo, Vieira Pinto (2005, p. 225) assinala que “[...] o homem, que por essência está destinado a procurar a natureza, para sobre ela, se constituir a si mesmo, encontra em lugar dela cada vez mais a obra de outros homens” e isso é trabalho objetivado no devir da existência do homem, que se constituiu e se fortalece por meio da cultura criada e da educação que fundamentam sua formação social na relação com a forma trabalho estabelecida, pois esta fundamenta a vida do homem em sociedade. No aspecto educacional, Vieira Pinto (1993, p. 49) argumenta:

A finalidade da educação não se limita à comunicação do saber formal, científico, técnico, artístico, etc. Esta comunicação é indispensável, está claro, porém o que se intenta por meio dela é a *mudança da condição humana* do indivíduo que adquire o saber. Por isso, a educação é substantiva, *altera o ser do homem* [...].

Por fim, a investigação partirá das leituras realizadas sobre as obras de AVP, cujo método de abordagem das relações entre homens e natureza se faz por meio da dialética existencial do homem em seu devir histórico-social. Na exposição feita, o leitor poderá refletir sobre o processo constitutivo do homem e das sociedades, que são objetos de estudos para AVP. Com efeito, Marx (1983, p. 218-219), asseverou: “[...] o concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, a unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo”. Por isso, Marx (1983) apontou que a pesquisa deve captar com todas as minúcias do material dado pela totalidade a sua singularidade, analisar suas diversas formas de desenvolvimento e descobrir a sua ligação interna. Só depois de cumprida esta tarefa se pode expor adequadamente o movimento geral.

Boa leitura!

## NATUREZA E SOCIABILIDADE DO HOMEM

[...] Muitas espécies animais, e de variados ramos zoológicos, são capazes de fabricar ninhos, colmeias, formigueiros e até passadiços, como os castores, sem que sejam movidos por representações cognoscitivas superiores às que se devem apenas aos instintos hereditários, ao que parece, sem capacidade evolutiva. Só o homem na sua atividade construtiva cria Cultura, porque só ele, ao mesmo tempo em que opera sobre a natureza e obtém produtos do engenho, cria no pensamento ideias que representarão a realidade, a própria ação que pratica, e que por isso podem tornar-se guias e princípios para a organização dessa atividade. O poder de ideação, representado superiormente pela faculdade de imaginação, como poder de livre combinação das ideias e faculdade de concepção de projetos de ser, suplantando a esfera dos instintos, dota o homem de uma consciência que é a raiz da sua caracterização como animal culto [...] (Vieira Pinto, 1969, p. 136).

O homem é um ser da natureza. Como qualquer animal luta pela vida diariamente e têm necessidades externas para sua reprodução, cuja existência<sup>2</sup> não pode prescindir da alimentação e proteção. No processo natural de sua existência ele é um animal presente na natureza, cujas diferenças não o distinguem entre os animais que lutam pela vida. É na luta pela vida que o homem se afasta da barreira de forma perene e passa a suprir suas necessidades biológicas pelo trabalho, o que o torna, no devir de sua existência, a produzir sua existência material e os instrumentos de trabalho necessários à vida. Neste processo, a amaterialidade se torna um instrumento hábil na luta pela vida, cuja habilidade transforma o homem em um construtor de ferramentas úteis ao trabalho.

Nesse ato singular, o homem cria as condições de sua reprodução, o torna social e, ao mesmo tempo, sujeito de sua historicidade. Com efeito, Vieira Pinto (1969, p. 136) diz-nos: “[...] ao produzir a cultura o homem ao mesmo tempo se produz a si próprio em forma de constituição de um modo social de convivência”, mas essa construção é um processo coletivo, sob o qual o homem produz sua vida e se organiza materialmente para o devir histórico. Neste processo, Vieira Pinto (1969, p. 87) assevera:

O homem não adapta a si a natureza, não constrói o mundo em que vive e, por conseguinte, não produz as ideias de que se valerá para a produção subsequente, por seu esforço isolado, mas sempre numa ação coletiva, em união com um grupo de semelhantes, que pode a princípio ser diminuto, mas tende continuamente a crescer [...].

Refletindo sobre o pensamento de AVP, Rodrigues (2016), diz-nos que “Vieira Pinto concebe o homem a partir dos aspetos da história natural e os da história do homem, enquanto produtor de cultura”, pois “[...] a característica da história natural assume uma dinâmica ‘evolutiva’ do ser vivo”, o que se constitui no “[...] desenvolvimento do homem, enquanto ser cultural”, cujo processo, “[...] o homem, ao realizar uma atividade produtiva, cria a cultura”, cuja natureza material é encontrada no meio ambiente, que condiciona a produção de vida material e transforma a natureza e o próprio homem como sujeito histórico-cultural, posto que sua existência é produto das relações sociais que os mesmos estabelecem no ato da autorrealização e do exercício prático da amanualidade, o qual produz o domínio sobre o objeto externo ao homem e ele o faz por meio de uma práxis determinada pela necessidade existencial. E, neste processo, afirma Vieira Pinto (2005, p. 245):

[...] A práxis, da qual a técnica mostra um aspecto regular, metódico, consciente, representa a execução das possibilidades existenciais do homem em cada momento do desenvolvimento histórico de suas forças produtivas, sob a forma de invenção e fabricação de máquinas e utensílios. O homem é um ser vivo compelido biologicamente a criar para si o ecúmeno onde se instala. O animal, prisioneiro do acervo de instintos, que recebe por herança química, não possui práxis nem, portanto, técnica, mas se limita a usar a diminuta variedade de condutas estereotipadas de que dispõe, com o fim de enfrentar o desafio do momento. Está condicionado ao estado do meio ambiente e não pode modificar-se individualmente, só conseguindo fazê-lo pela via de seleção biológica. No animal, a espécie, enquanto totalidade, é quem representa um ser individual, que trava o jogo das contradições da matéria viva com a natureza inerte. Por isso, a espécie, e não o indivíduo, resolve as contradições com o meio, mas está obrigada a utilizar-se de mecanismos que transcendem a vida de cada exemplar, nega a individualidade, dissolvendo-a na existência dos congêneres. O homem, porém, escapa ao acorrentamento às variações hereditárias porque se converte em animal ‘prático’. Cada indivíduo humano constitui-se em ser autônomo porque interioriza, mediante o desenvolvimento de um particular tipo de reflexo condicionado, os motivos do comportamento, e assim o pode variar de acordo com as finalidades propostas para si mesmo [...].



Neste devir, o homem produz sua existência, seu mundo e, ao mesmo tempo, desenvolve formas particulares de cultura, sob condições dadas e encontradas no ambiente natural no qual ele produz e reproduz sua existência. Há um potencial dado ao homem, que é a matéria-prima humana, que não pode ser modificada no devir histórico, assim como também a estrutura cerebral tem permanecido a mesma desde a aurora de sua história, mas o ser humano muda no processo histórico de sua existência. Com efeito, Fromm (1962, p. 35-36) assevera:

[...] o homem de *fato* muda no decurso da história: ele se desenvolve, se transforma, é o produto da história; assim como *ele* faz a história, ele é seu próprio produto. A história é a história da autorrealização do homem; ela nada mais é que a autocriação do homem por intermédio de seu próprio trabalho e produção: ‘o conjunto daquilo a que se denomina história do mundo não passa de criação do homem pelo trabalho humano, e o aparecimento da natureza para o homem; por conseguinte, ele tem a prova evidente e irrefutável de sua autocriação, de suas próprias origens’.

Na autorrealização se faz presente a autocriação do humano-histórico, pois, na produção da vida – no ato de comer, beber, vestir-se, se abrigar – o homem cria o mundo humano e as relações de produção necessárias à existência da vida, que, sob determinadas condições, condiciona formas de luta pela vida distintas umas das outras, condiciona as relações de produção e “[...] são as relações de produção em primeiro lugar que determinam o que o homem é em determinadas condições, a isso os filósofos chamam de natureza humana [...]” (Schaff, 1969, p. 81). Com efeito, Vieira Pinto (1962, p. 10-11) argumenta:

[...] fora do sistema de relações sociais o ‘homem’ tem existência apenas abstrata, não passa de ideia geral; o que de fato existe é sempre o homem concreto, ou seja, aquele que se acha envolvido por determinado sistema de relações produtivas, cuja realidade não depende da sua vontade, mas foi forjada ao longo expansivo da capacidade produtiva comum da espécie humana, de melhor apropriação dos fatores naturais em seu proveito.

E o que é o homem? Vieira Pinto responde que é um complexo determinado pelas relações que o mesmo estabelece socialmente com outros homens e com o mundo da produção. Por isso, o homem é um ser concreto, real, cuja real existência não depende dele, mas das condições dadas e encontradas no mundo material a ser transformado. No processo de autorrealização/autocriação do homem, Rodrigues (2016) sustenta que AVP concebe que “[...] o processo de criação da cultura supressumiu o evolutivo” e, “[...] disso decorre que a linguagem, os instrumentos de trabalho, as normas criadas pelos homens, identifica-os como ser cultural”, pois “[...] é o humano-social em suas relações consigo mesmo, com os outros e com a natureza, quem produz a cultura”. Mas a cultura, para nós, não é alheia ao mundo e às relações que o humano-social estabelece entre si nos modos de produção que a cultura material produz. É uma cultura concreta, portanto, é uma cultura material, sob o qual o humano-histórico-social reproduz por meio da educação. Neste aspecto, corrobora nosso estudo a assertiva de Braverman (1987, p. 29), para quem “[...] a forma de qualquer sociedade, não é criação instantânea de ‘leis’ que geram aquela sociedade num lugar e diante

de nossos olhos. Toda sociedade é um momento no processo histórico, e só pode ser aprendida como parte daquele processo”. Com efeito, Vieira Pinto (1975, p. 20, tradução própria<sup>3</sup>), assevera que “[...] o homem é, por definição, um ser que produz sua existência. Ao contrário do animal irracional, que se reproduz nas condições que o ambiente lhe oferece, o homem cria as condições que lhe permitem viver e se reproduzir”. Neste ato Vieira Pinto demonstra que o homem é um ser que se faz no cotidiano de sua existência, e isso o qualifica a tornar-se humano e o faz na relação que estabelece na produção da vida. Este processo de criação do humano como ser concreto e objetivado na relação, como Schaff (1969, p. 85-86) afirma: “[...] assim, do ponto de vista do homem, o processo humano de criação é um processo de autocriação. Assim, graças ao trabalho a espécie Homo–sapiens nasceu, evoluiu e continua a transformar-se”. Não obstante, Childe (1975, p. 32) assegura:

Na história humana, as roupas, ferramentas, armas e tradições tomam o lugar das peles, garras e instintos na busca de alimentos e abrigos. Hábitos e proibições, representando séculos de experiência acumulada pela tradição social, substituem os instintos hereditários, para facilitar a sobrevivência de nossa espécie.

No ato de tornar-se humano há duas naturezas transformadas. A natureza em si mesma, pois se constitui em objeto de trabalho, portanto, é transformada no ato de produção da vida material, a qual, por sua vez, também transforma o homem em seu devir histórico-dialético-social e produz pela ação idealizada na mente materiais e equipamentos com o uso e a destreza das mãos. Mas, no processo de criação, também se criam ideias que formam o homem sobre seu mundo real, tornando o mundo acessível ao conhecimento. Produz as representações e os valores da cultura sob o qual os homens se reproduzem materialmente e, com certeza, os aspectos de uma dada superestrutura ideológica criada sob o modo de produção que produz e reproduz o homem em sua existência material. Como ser social, o homem é um ser de cultura, pois sua existência pressupõe a criação de objetos idealizados na mente dando formas pelo caráter de amanualidade presente em seu ser histórico-dialético-social, cujo ato se torna objeto concreto e de conhecimento, pois, afirma Vieira Pinto (1969, p. 74), “[...] o homem, ao se constituir no topo da racionalidade que possui em cada época, não apenas produz o conhecimento dos entes e processos particulares [...]”, mas também as condições reais de reprodução social e de sociabilidade em quaisquer devir social. No devir da existência da vida do homem, segundo Vieira Pinto (1969, p. 74),

[...] Por uma imposição imanente à razão é levado a construir o sistema explicativo geral dos dados particulares que percebe. É levado a refletir sobre a totalidade do real; o produto dessa reflexão, que busca explicar e coordenar racionalmente todos os aspectos do mundo, é o que se chama uma filosofia. Por conseguinte, o movimento da razão que conduz ao conhecimento do mais restrito detalhe da realidade, da lei, do comportamento, das partículas mais recônditas que a compõem, é o mesmo que cria simultaneamente as sínteses mais vastas e ousadas, as filosofias, que devem explicar igual e coerentemente o todo e as partes, e as relações



entre ambos. Notamos aqui a presença e o significado dos contrários e sua unidade. [...].

Nas palavras de AVP, o homem, por coerência e sentido da vida dadas pelo trabalho e organização das relações sociais a serem estabelecidas no trabalho, é levado a refletir sobre o mundo real em sua totalidade, o que o leva a criar sistemas de explicação em consonância com a racionalidade desenvolvida no devir da vida. O caráter dado à explicação busca a materialidade dialética objetivada pelo homem na produção do conhecimento, que é sempre um processo de conceituação do ato objetivado na produção da vida material, ou seja, na produção de bens necessários à vida. Para Vieira Pinto (1969, p. 35), o devir do homem traz:

Na perspectiva dialética e histórica, a ação do homem no mundo natural, que seu crescente desenvolvimento biológico lhe vai permitindo, produz duas ordens de resultados; a criação de objetos artificiais e a de ideias, com que cada vez vai representando melhor e mais extensamente a realidade no pensamento. Ambos esses tipos de resultados são cultura. A ideia, uma vez formada, prefigura ações futuras sobre a realidade material. Deste modo, em sua própria origem, a cultura é uma síntese da dupla capacidade de agir fisicamente e de representar mentalmente, que o homem adquire ao se ir constituindo fisiológica e psiquicamente em animal diferenciado. Sendo uma síntese, é reunião de modos opostos de ser, de produzir. Desvenda-se, assim, um aspecto capital do conceito de cultura: seu caráter de mediação de toda realização. A cultura é simultaneamente operação inteligente exercida no mundo material e ideação operatória na esfera do pensamento. São dois aspectos distintos da realidade do mesmo agente, o homem, na integridade de sua natureza. Por isso, o homem torna-se o vínculo unificador dessas faces opostas. A unificação entre os dois lados da cultura, ele a cumpre pelo fato de existir [...].

Mas este ato não é abstrato. Conforme se lê em Vieira Pinto, Schaff e Childe, ele transforma de forma contínua o sujeito e o objeto pelo trabalho. Nesta perspectiva, Paro traz o homem com sujeito histórico em suas ações. Nela, Paro (2022, p. 210-221) argumenta:

Disseminada pelo senso comum existe a ideia de que, para nominar o homem, diferenciando-o dos demais seres vivos, basta qualificá-lo de animal racional. Este entendimento é por demais insuficiente, pois continua restringindo o conceito de homem a suas características naturais: um ser animado que tem um cérebro desenvolvido, ou mais desenvolvido do que os demais seres da natureza. [...] o homem, como espécie, é muito mais do que isso, exigindo um conceito que ultrapasse as fronteiras de seu corpo físico. Por isso, [...] utilizei a palavra ‘humano-histórico’, para indicar um ser: a) dotado de vontade, que transcende a Natureza, manifestando-se diante do mundo e criando valores (Ética); b) que, com vistas a esses valores, exerce uma atividade histórica chamada trabalho, por meio do qual transforma a Natureza, transformando sua própria natureza e fazendo a História.

Estas relações também são apreendidas por Vieira Pinto, cuja dialética imprimida pelo homem em seu devir o faz tomar consciência do mundo humano e de sua existência. E

essa apreensão é um processo de captura da materialidade pela mente do homem, que transforma o conhecimento em pensamento concreto e, no processo, conceitua a existência do objeto no mundo humano, isto é, o objeto ganha materialidade e representação conceitual como concreto pensado. Nesta perspectiva, Vieira Pinto (1975, p. 8, tradução própria<sup>4</sup>) assevera:

[...] O espírito do homem passa a conhecer o mundo objetivo na medida em que as hipóteses concebidas para explicar a realidade estão sendo testadas e, portanto, passam para a dignidade das teorias, que são a expressão da máxima inteligibilidade do mundo dos fenômenos sensíveis.

Com efeito, Vieira Pinto (1969, p. 188) argumenta:

[...] Toda realidade material perdura, manifestando no tempo alguma modalidade essencial da sua constituição objetiva. No homem essa modalidade adquire significado novo, qualitativamente distinto, o da historicidade. Ao viver, o homem historiciza o tempo, a duração cronológica do existir da realidade [...].

Neste aspecto, Rodrigues (2016) reafirma a assertiva sobre a concepção de homem em AVP, para quem:

O homem é tanto um ser produto da cultura quanto um produtor de sua existência e dos seus meios de sobrevivência para si e para a geração futura. Pela ação produtiva, o homem se origina enquanto ser homem, ou seja, o trabalho é a atividade mediadora entre o mundo e a sua existência no âmbito do mundo cultural. Ao criar a cultura o homem cria a linguagem, a qual constitui o veículo mediador de comunicação do sujeito e o objeto, do homem com os outros e, por fim, dele com a realidade social. O ato de agir sobre o mundo possibilita ao homem desenvolver e ampliar a sua capacidade cognitiva e criativa.

Nas palavras de AVP, o homem é um produto de sua história no tempo material, concreto, cuja natureza do trabalho o domina e o insere no mundo em movimento, cuja dialética se faz presente nas ações humanas sobre a natureza, que as transformam para si, criando modos de produção de existência da vida e os faz reconhecer como homens históricos e, neste processo, adquirem conhecimento sobre sua historicidade, o que lhe permite também historicizar o tempo e historicizar no tempo-humano e desenvolver técnicas para viver no mundo do trabalho. Nesta acepção, Vieira Pinto (2005, p. 254) diz-nos: “[...] viver no mundo da técnica enuncia a normal definição da condição humana, porque expressa aquilo que a distingue da animal [...]”. Nesta qualidade humano-social, viver no mundo é também quantificar o tempo vivido, cujo domínio sobre o tempo capacita-o para refletir sobre sua existência como totalidade com toda significação da realidade que a história apresenta e ele a capta no processo histórico de sua vida. Com efeito, Vieira Pinto (1969, p. 524) assim sintetiza:

[...] Ao historicizar o tempo, dando-lhe as dimensões de passado, presente e futuro, a consciência, vendo-se a si mesma enquanto culminância do processo objetivo, como seu produto supremo chegado agora a um termo que assume caráter qualitativo distinto, o de subjetividade, engloba a totalidade do processo e toma-se capaz não apenas de datar o curso dos acontecimentos mas de pensar com significação histórica todo o processo da realidade [...].

Neste processo, Vieira Pinto (1969, p. 524) assevera:

[...] Os fatos que eram apenas temporais tornam-se agora históricos, podem ser datados, o que significa receberem uma qualificação de origem consciente, pois supõe um ponto de referência, o presente, que somente existe para uma consciência que se percebe *presente* no mundo. Sendo datados, entram em linha de sucessão, o que permite pensar as transformações objetivas não em termos de simples transitividade, de passagem de um a outro, de sucessividade, mas segundo a categoria racional e dialética de *processo*.

A perspectiva apresentada por AVP traz a dialética como processo de compreensão da existência do homem no mundo da natureza e no mundo humano. Nada é simples na vida do homem. O ato de comer, beber, vestir-se e se abrigar se tornam atos perenes desde o afastamento da barreira natural a qual vivia o homem em seu estado natural. No longo devir do homem, a natureza e a sociabilidade traz o caráter das lutas diárias pela vida, no qual o homem age, constrói relações de trabalho sobre processos constitutivos de organização, o que determina em dada relação do homem com a natureza, criando um determinado modo de produção e de sociabilidade presente em quaisquer formações humanas. O domínio sobre o tempo possibilita aos homens historicizarem-se na história e nas suas relações existenciais pelo trabalho, tornando criador da cultura e da educação no processo de reprodução social.

## **TRABALHO, CULTURA E EDUCAÇÃO NA MATERIALIDADE NO DEVIR DO HOMEM**

O ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas é o que conhecemos pelo nome de trabalho. Podemos, pois, dizer que a essência do homem é o trabalho. Mas o sentido marxista de essência humana não é o da metafísica: como o conjunto das propriedades imutáveis e eternas do homem, como algo dado ao homem, uma dádiva divina ou natural. Ao contrário, a essência humana é usada no sentido de característica fundamental dos homens, sendo esta produzida pelos próprios homens. O que o homem é, o é pelo trabalho. A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico (Lombardi, 2011, p. 103).

No devir do homem há um processo de apropriação da natureza pelo ser humano de forma perene. A Natureza é uma extensão da vida do homem, cuja existência é externa ao

homem, que a transforma e a adapta para si por meio do trabalho. Por ser extensão, se torna objeto de domínio para a produção da existência da vida e, com ela, formas de sociabilidades humanas, cuja relação homem e natureza é mediada pelo ato do trabalho, que engendra a vida do homem, tornando-o humano-social, portanto um ser hominizado e humanizado pelo trabalho. Nesta perspectiva, Paro (1999, p. 106) argumenta:

Se o que caracteriza o ser humano e o diferencia dos demais seres da natureza é sua não-indiferença com relação ao mundo, que o leva a criar valores e a fazer deles objetivos que ele busca alcançar, o que lhe possibilita a concretização dessa diferença é precisamente a atividade que ele desenvolve para concretizar esse fim, ou seja, o trabalho humano.

Do ponto de vista de Lazzareschi (2016, p. 1), “[...] o trabalho é [...] uma ação humanizadora da nossa espécie animal, isto é, humanizadora do próprio ser humano por ser a única ação a nos diferenciar de outros animais”. Nesta perspectiva, assevera Vieira Pinto (1962, p. 9):

[...] a sociabilidade dos homens surgiu e foi se desenvolvendo em formas diversas ao longo do tempo, por efeito do modo particular como esses seres se relacionaram com a natureza no provimento das condições indispensáveis à sustentação da sua vida, por efeito das necessidades impostas pela execução dessa relação vital com o mundo natural, numa palavra, como resultado do trabalho.

Para AVP, o trabalho tem em si um fator ontológico, cuja existência real torna seu executor um ser capaz de reproduzir sua essência humana e sua existência material, mas em processos, em desenvolvimento social de forma dialética e, neste processo, desenvolve forças produtivas capaz de produzir formações sociais, cultura, educação etc., em conformidade com a organização estabelecida no mundo do trabalho, sempre em contradição social. Neste processo, a educação cumpre com um papel histórico, conforme expressa Vieira Pinto (1993, p. 34-35), pois “[...] a educação é histórica não porque se executa no tempo, mas porque é um processo de formação do homem para o novo da cultura, do trabalho, de sua autoconsciência”. Corroboram nossas reflexões os estudos de Ciavatta (2010, p. 35), que concebe o trabalho não somente nas suas formas históricas de existência, mas “[...] também como atividade ontológica, fundamental, por meio do qual se reproduz a vida, se cria a cultura e se estabelecem as relações entre os seres humanos”. Sob estas premissas, corrobora Vieira Pinto (1960, p. 61), argumentando:

[...] o trabalho é a via de acesso à realidade. Por ele o mundo se abre à consciência, e isso tanto mais perfeitamente quanto opera sobre partes cada vez mais amplas do real. De fato, não há outro modo de captar o real senão introduzir-se na sua mobilidade, esposando-lhe a dinâmica; o meio único de realizar a união do homem com o mundo é a ação [...].

Com efeito, Vieira Pinto (1970, p. 428-429) manifesta:

[...] À luz de uma percepção rigorosa do processo do desenvolvimento biológico da espécie humana, particularmente na fase em que ingressa nas condições sociais de produção da existência, o termo que realmente importa é o denominado «cultura». Nele se reflete o processo graças ao qual a espécie, em vias de hominização e, mais tarde, plenamente integrada em comunidade social de trabalho, vem resolvendo as contradições que lhe são impostas pelas relações com o ambiente natural, de onde deve retirar os bens de que necessita para subsistir, e com os quais estabelece necessariamente sociais. No curso desse processo desenvolve-se sua percepção dos objetos e fenômenos do mundo e das relações que ligam cada indivíduo aos demais, e esta percepção alcança a forma de ideias abstratas, gerais, que, num grau avançado do conhecimento, sendo transmitidas de geração a geração, como herança de uma práxis comum, de transformação técnica do mundo, vêm a constituir o que se denomina de cultura [...].

O caráter material da sociedade se manifesta nas reflexões de AVP, que observa a dialética presente no mundo humano e nas realizações humanas constitutivas nos modos de produção, cuja base material se assenta em relações de trabalho e, com ela, uma determinada manifestação cultural que nasce nessas relações. No trabalho, o homem satisfaz suas necessidades produzindo os bens necessários à vida e, nesta produção, desenvolve técnicas de trabalho, produzem conhecimento e cultura e, assevera AVP, tomam ciência do mundo e do desenvolvimento social sob o mundo em que o indivíduo age em sociedade. Mas a presença do homem em sociedade não se dá em abstração. O homem real vive em sociedade e nas sociedades estabelecidas em classes sociais antagônicas, determinado homem age por coação na luta pela vida, pois o modo de produção determina um tipo de homem que é condicionado a viver sob condições adversas à sua vontade. Na luta pela vida, o homem se adapta à formação social e, sobre ela, age. Não obstante, Fromm (1963, p. 30) assevera:

O homem pode ajustar-se à escravidão, mas reage ante isso diminuindo suas qualidades intelectuais e morais; pode ajustar-se a uma cultura pejada de desconfiança e hostilidade mútuas, mas reage a isso tornando-se fraco e estéril. O homem pode ajustar-se a condições culturais que impõem a repressão dos impulsos sexuais, porém ao conseguir tal ajustamento [...] ele desenvolve sintomas neuróticos. Pode ajustar-se quase a quaisquer padrões culturais, mas na medida em que estes se opuserem à sua natureza, nele se produzirão distúrbios mentais e emocionais que acabarão obrigando-o a modificar aquelas condições já que não pode modificar sua natureza.

Com efeito, AVP também parte das reflexões sobre a adaptabilidade do homem na luta pela vida, cuja existência ele necessita produzir de forma contínua e, nesse processo, ele busca sua sobrevivência individual e da própria espécie. AVP diz-nos sobre a adaptação do homem ao mundo humano-natural que como o homem se adapta ao mundo que ele criou, ele também se adapta às formações humanas também criadas no devir histórico do homem.

Nela, a adaptação é um processo de luta pela vida, conforme apontou Fromm e AVP. Com efeito, Vieira Pinto (1969, p. 83) constata:

A ciência é a forma de resposta adaptativa de que somente o homem se revela capaz por ser o animal que vence as resistências do meio mediante o conhecimento dos fenômenos, ou seja, mediante a produção da sua existência – a individual e a da espécie. Adapta-se ao mundo porque o adapta a si, ao descobrir as razões lógicas das coisas e dos acontecimentos, e ao modificá-las de tal maneira que sirvam ao propósito de assegurar sua subsistência.

Com efeito, Einstein afirma o primado da constituição cultural como um processo histórico que os homens recebem no devir histórico da vida em sociedade. Dessa forma, Einstein (1949) escreveu:

O homem adquire à nascença, através da hereditariedade, uma constituição biológica que devemos considerar fixa ou inalterável, incluindo os desejos naturais que são característicos da espécie humana. Além disso, durante a sua vida, adquire uma constituição cultural que adota da sociedade através da comunicação e através de muitos outros tipos de influências. É esta constituição cultural que, com a passagem do tempo, está sujeita à mudança e que determina, em larga medida, a relação entre o indivíduo e a sociedade.

Nas reflexões de AVP e Einstein, há um elo que liga a produção da vida do homem ao ser constituído socialmente pela cultura, cuja presença no mundo humano se manifesta no devir do homem de forma orgânica e, posteriormente, se torna social, as quais se condicionam, ligam e fundam o homem hominizado e humanizado pelo trabalho, que em seu processo de enraizamento histórico cria uma determinada cultura, que corresponde ao modo de produzir a vida e, com ela, as formas de relacionamento social, espiritual, educacional etc., construídas na materialidade da vida. Com efeito, Vieira Pinto (1969, p. 122) assegura:

A cultura é, por conseguinte, coetânea do processo de hominização, não tem data de nascimento definida nem forma distintiva inicial. A criação da cultura e a criação do homem são na verdade duas faces de um só e mesmo processo, que passa de principalmente orgânico na primeira fase a principalmente social na segunda, sem contudo em qualquer momento deixarem de estar presentes os dois aspectos e de se condicionarem reciprocamente. [...].

Do ponto de vista de AVP, cultura é uma manifestação direta do processo de hominização, cuja criação advém da forma de produzir a vida sob as condições dadas e encontradas na natureza em que o homem agirá para a reprodução da vida. Nela, a luta pela vida se torna permanente, cujo ato de hominização torna o homem um ser destinado a viver na natureza e este viver o transforma e transforma também a natureza em que ele vive. Nela, há uma natureza transformada pelo trabalho, ou seja, há uma natureza sob a qual o homem agiu e a transformou para si de acordo com a ciência e os processos formativos



experienciados no devir histórico do homem na produção de bens necessários à vida. Com efeito, Vieira Pinto (1969, p. 85-86) assevera:

[...] Genericamente, todo resultado da ação produtiva exercida pelo homem sobre o mundo pode chamar-se ‘bem de produção, porque original e ontologicamente está destinado a produzir a existência daquele que o produz. Este conceito adquire, assim, extrema amplitude, pois não só inclui os objetos fabricados para fins vitais específicos — as alterações das condições do ambiente em que o indivíduo se aloja, tanto quanto as próprias modificações corpóreas do ser humano — como vale também para as representações, ideias, noções e juízos elaborados na esfera do pensamento reflexivo da realidade [...].

Neste devir, a qualidade da vida do homem é dada pela forma de produzir a vida, que é condicionada pela natureza em que o homem vive e a transforma em objeto para si, pois ele tem ação produtiva e esta ação traz um resultado sobre sua ação, que é a natureza transformada pela amaterialidade humana. Ela pode ser chamada de bem de produção, pois possui uma originalidade e uma base ontológica, cuja premissa está em produzir a existência de quem produz. No devir do homem, Vieira Pinto (2005, p. 37) diz-nos:

O homem é um ser destinado a viver necessariamente na natureza. Apenas, o que se entende por ‘natureza’ em cada fase histórica corresponde a uma realidade diferente. Se no início era o mundo espontaneamente constituído, agora que o civilizado consegue cercar-se de produtos fabricados pela arte e pela ciência, serão estes que formarão para ele a nova ‘natureza’.

O ato de viver no mundo é um ato determinado pelo trabalho, no qual o homem se torna criador e criatura. Nele, manifesta todo o conhecimento acumulado pela espécie em seu devir sob o qual ele toma consciência do mundo e materializa em forma de ciência, que é a produção do conhecimento e cria conceitos universais que possibilita ao homem a investigação sobre os mesmos. Neste aspecto, toda ciência é criação do homem, cuja materialidade produz formas de investigação sobre os processos criados pelos homens ao produzirem bens necessários à vida. Com ela, ocorre o desenvolvimento da natureza do trabalho sob uma determinada representação criada pela investigação, pois, no processo de investigação, as categorias estão presentes no objeto. Como ser que toma ciência do mundo criado, o homem cria também as formas de investigação dos objetos criados por meio da investigação. Nela, o mundo se objetiva e se apresenta em seus fenômenos históricos. Cabe ao homem da ciência desvendá-la por meio do pensamento dialético, pois este capta os processos históricos em sua totalidade. Em consonância, Vieira Pinto (1969, p. 76) sustenta:

[...] A ciência é uma criação do homem, que descobre a possibilidade de transpor para o plano subjetivo o que é real objetivamente. O homem, ao criar a ciência, descobre que a cria, ou seja, toma consciência da unidade destes aspectos contrários: sua penetração no âmago da realidade, pela práxis da pesquisa, e a simultânea transposição em conceitos universais,

em proposições e teorias, dos conhecimentos particulares que vai adquirindo um a um [...].

Nas palavras de AVP está o pressuposto da educação como um processo de ciência, sob o qual o homem cria as condições de transmitir o conhecimento acumulado pelo homem em seu processo histórico-social. Cria a ciência da educação e seus métodos de investigação e de exposição do objeto educacional. Nele, podemos dizer, a cultura escolar faz uma adaptação do conhecimento acumulado em forma de transposição didática, o que permite à sociedade criar um sistema educacional sob o qual a cultura possa ser transmitida no processo de formação humana. No devir do homem, a educação é um fenômeno social, pois encontra-se nos diferentes povos e tempos históricos distintos. Nas sociedades de classe, ela é um fenômeno social da superestrutura, cuja prática pedagógica só pode ser convenientemente entendida em sua exposição se forem didaticamente refletidas sobre a base socioeconômica da sociedade. Nela, há a totalidade sob o qual o homem vive e capta o mundo. Nesta perspectiva, Vieira Pinto (1993, p. 40) argumenta:

[...] Mas essa transmissão da cultura pela educação, justamente porque supõe a mediação (dialética) da sociedade, na realidade, pelo trabalho concreto dos homens, não é mecânica, e por isso o saber não se comunica inalterado de um indivíduo ao outro. Ao contrário, na passagem de um ao outro, altera-se, torna-se maior pela contribuição da criação intelectual do educador, recebida pela sociedade e considerada por ela como um acréscimo indispensável para ser comunicado ao educando.

Do ponto de vista de AVP, a educação é um ato intencional, cujo processo estabelece a transmissão da cultura acumulada pelo homem em seu devir, que é sempre histórico e social. Nela, há um ato intencional, que é reproduzir socialmente os valores e o modo de vida sob o qual vivem os homens em seus aspectos sociais, morais, políticos, econômicos e culturais. Nesta perspectiva, Vieira Pinto (1993, p. 35) diz-nos: “[...] a educação é necessariamente intencional. Não se pode pretender formar um homem sem um prévio conceito ideal de homem”. Nela, há um processo constitutivo de um tipo de homem, criado à imagem e semelhança da sociedade, que, no processo de produção da existência, necessita se reproduzir culturalmente e cultura traz uma totalidade sob a qual vive o homem em sociedade, que em determinada fase histórica, traz as classes sociais e os interesses de classe. Mas, assevera Vieira Pinto (1960, p. 132):

[...] O fenômeno de classe não surge imediatamente do fato econômico, mas contém a mediatização pela consciência, a qual forma um plano interposto, qualitativamente distinto, cuja análise deve ser feita com categorias próprias, para chegarmos a saber como se relacionam as transformações do processo material concreto com as estruturas sociais e os fatos culturais que historicamente lhes correspondem [...].

Nesta perspectiva, Vieira Pinto (1969, p. 137) observa:

[...] A cultura de cada momento representa a mediação histórica que possibilita a aquisição de outros dados culturais, que condiciona a expansão do conhecimento, sendo possível dizer-se que a cultura, enquanto ideia, imagem, valores, conceitos e teorias científicas, se cria a si mesma por intermédio das operações práticas de descoberta das propriedades dos corpos e da produção econômica dos bens necessários à vida social. A ação do homem, sendo a mediação entre duas ideias, outorga à primeira a qualidade de servir de fundamento para a finalidade da criação da segunda.

Nas reflexões sobre a concepção de educação em AVP, Rodrigues (2016) diz-nos:

[...] A educação que se processa dessa maneira, para Vieira Pinto, precisa superar o seu caráter abstrato, pois está desvinculada do contexto histórico existencial, e elitista. Ao pensarmos na educação, devemos antes de qualquer coisa compreendê-la a partir da concepção de homem que devemos formar. O conteúdo dessa educação deve emergir das condições materiais e existenciais das massas populares, bem como a ideologia do desenvolvimento nacional deve ser expressão e fenômeno das massas populares.

Nota-se na exposição que a educação não é um processo neutro, pois reafirma o primado da sociedade sobre o indivíduo que recebe as ações do meio ambiente e da sociedade sobre o qual ele age, se modifica e modifica a vida em sociedade. Neste sentido, escola é um fenômeno social. Nela, afirmou Vieira Pinto (1993, p. 30), a educação está presente e é o “[...] procedimento pelo qual a sociedade se reproduz a si mesma ao longo de sua duração temporal. Contudo, neste processo de autorreprodução está contida, desde logo, uma contradição [...]” social, cujos interesses de classe se manifestam nas ações pedagógicas e na organização da educação nas sociedades de classes. Em consonância com as premissas listadas, Vieira Pinto (1960, p. 81) observa:

[...] o conhecimento se funda na experiência exterior, provém dela, do mundo que ‘aí está’ como ‘existente bruto’, e que, acreditam aquelas escolas, conhecemos no ato de apreendê-lo ou de retirar dele as nossas representações. Falta-lhes, porém, a compreensão de que esse mundo é sempre um país, com determinada conformação social, numa etapa do desenvolvimento da sua cultura e dos seus recursos econômicos, em certo momento da história.

Na consolidação da educação, cria-se as estruturas sob o primado do trabalho. Nela, a sociedade estabelece os princípios sob os quais os homens deverão ser educados sob a demanda da vida social. Ressalto o que Vieira Pinto e Saviani fundamentam o ato educacional: sua intencionalidade, que é uma intencionalidade de classe. Sob o mesmo ponto de vista, Saviani (1986, p. 14) reconhece essa premissa ao destacar:

[...] todo sistema educacional se estrutura a partir da questão do trabalho, pois o trabalho é a base da existência humana, e os homens se caracterizam como tais na medida em que produzem sua própria existência, a partir de suas necessidades. Trabalhar é agir sobre a natureza, agir sobre a realidade, transformando-a em função dos objetivos, das necessidades humanas. A sociedade se estrutura em função da maneira pela qual se organiza o processo de produção da existência humana, o processo de trabalho.

No processo de formação histórico-social, diz-nos Vieira Pinto (1960, p. 188):

A educação não precede o processo de desenvolvimento, acompanha-o contemporaneamente. Entre ambos existe uma tensão dialética que os condiciona mutuamente. Com efeito, cada etapa da realidade contém no seu dinamismo tarefas a executar, a fim de que se transforme na etapa seguinte; são propostas, são desafios à ação humana, que é solicitada por eles a efetivar-se. Mas são ações complexas, a executar sobre uma realidade material difícil de penetrar e de entender. [...] A educação é justamente a consciência destas tarefas e a mobilização dos meios e recursos adequados a executá-las [...].

Do ponto de vista dos autores pesquisados, o homem — em sua constituição física, corpórea, natural —, é um ser acabado, cuja hereditariedade e genética se manifestam no nascimento. No processo de constituição do ser social, ele necessita da educação para seu processo de formação, pois o homem é um ser em construção. Isso faz do homem um ser criador, cuja essência da vida se dá na produção de sua existência, o qual produz bens socialmente úteis à sociedade. Neste meio de produzir bens materiais — equipamentos, ferramentas, máquinas etc. — ele os produz pelo trabalho e, no processo, produz a cultura e a educação como elo à vida social. Sob essa premissa, AVP nos mostra que o homem é um ser destinado a viver necessariamente na natureza. Nela, ele produz necessariamente a vida por meio do trabalho, sob o qual age sobre a natureza, transformando-a em bens de produção, cuja materialidade se traduz em uma nova natureza, na qual o homem vive, se educa e se firma culturalmente sob o primado do modo de produção de existência da vida material.

## CONCLUSÃO

Na vida do homem tudo é trabalho e formação humana-cultural. AVP demonstrou a essência do homem-trabalho pelo trabalho criador, cuja amaterialidade é o elo sob o qual o homem produz bens socialmente úteis à sociedade. Consequentemente, o homem é um ser que se hominiza pelo trabalho. No processo histórico de produção da vida, ele produz historicamente os modos de produção sob o qual ele produz um tipo de cultura e uma determinada forma de educação para a reprodução humano-social. Aqui, há um ser da natureza, que é o homem, mas não se trata do homem como um ser abstrato. Ele é concreto, é matéria humana, que sob determinado modo de produção se modifica pela estrutura de trabalhado criado no devir histórico, o que implica afirmar que tem um novo homem, um novo tipo de homem que necessita ser educado para a vida social.

Cabe ressaltar que no processo de luta pela vida, o ato singular de comer, beber, vestir-se, se abrigar e amar é tornado ato humano. O homem produz sua vida em consonância com as relações sociais estabelecidas pelo trabalho, mas essas relações são conflituosas, pois estão presentes os elementos da contradição, cujos interesses de classes se manifestam na formação humano-cultural e na forma da reprodução social. Conseqüentemente, a educação não é neutra, pois traz os interesses de classe na organização da escola. Nela, a classe que domina materialmente a sociedade também a domina culturalmente, pois a classe dominante tem objetivos sociais, sabe o que quer e sabe como fazê-lo e, por isso, exerce sua hegemonia como classe social.

Mediante o exposto, AVP nos mostrou que a cultura é um fazer-se humano no devir do homem. Com ele, desenvolve a ciência, cuja centralidade está na capacidade do homem em produzir os bens socialmente úteis a si e à sociedade. Útil a si, pois a criação de ferramentas, máquinas, equipamentos etc., permite aliviar o trabalho do homem na execução das atividades por ele pensada e executadas para a vida social. Por isso, o desenvolvimento da ciência é também essência da vida, cuja luta diária pela vida dá ao homem a capacidade de criar, inventar e experimentar o resultado do seu trabalho. Também dá ao homem a capacidade de sua reprodução social, mas sempre em condições dadas e encontradas na natureza, que é o ambiente em que o homem, a partir do afastamento da barreira natural, se hominiza e humaniza no processo de trabalho.

## REFERÊNCIAS

- BEZERRA NETO, L. A educação rural no contexto das lutas do MST. *In*. ALVES, G. L. (org.). **Educação no campo**: recortes no tempo e no espaço. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no Século XX. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- CHILDE, V. G. **A evolução cultural do homem**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- CIAVATTA, M. O trabalho como fonte de pesquisa: memória, história e fotografia. *In*: FRIGOTTO, G; CIAVATTA, M. (org.). **A experiência do trabalho e a educação básica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.
- EINSTEIN, A. **Por que socialismo?** Maio de 1949. Traduzido por Ralf Rickli. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/einstein/1949/05/socialismo.htm>. Acesso em: 15 maio 2014.
- FROMM E. **Conceito marxista do homem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.
- FROMM, E. **Análise do homem**. Rio de Janeiro, Zahar, 1963.
- LAZZARESCHI, N. **Trabalho ou emprego?** Disponível em:

<http://www2.videolivrraria.com.br/pdfs/10035.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2016.

LOMBARDI, J. C. **Educação e ensino na obra de Marx e Engels**. Campinas, SP: Alínea, 2011.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

PARO, V. H. **O capital para educadores ou aprender e ensinar com gosto a teoria científica do valor**. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

PARO, V. H. Parem de preparar para o trabalho!!! Reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica. In: FERRETTI, C. J. *et al.* (org.). **Trabalho, formação e currículo: para onde vai a escola?** São Paulo: Xamã, 1999. p. 101-121.

RODRIGUES, J. P. **Álvaro Vieira Pinto e a educação popular no Brasil**. 31 de agosto de 2016. In **Álvaro Vieira Pinto e a educação popular no Brasil** (documentário da série 'Grandes Educadores') – PGL. Acesso: 15 abr 2018.

SAVIANI, D. **O nó do ensino de 2º grau**. São Paulo: MEC/INEP: CENAFOR, 1986. n. 1.

SCHAFF, A. A concepção marxista do indivíduo. In: VOLPE, D. (org.). **Moral e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

VIEIRA PINTO, Á. **Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

VIEIRA PINTO, Á. **Civilização & Cultura: Cinco enfoques e um comentário**. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, n. 6, 1970.

VIEIRA PINTO, Á. **Consciência e realidade nacional**. Rio de Janeiro: ISEB, 1960. V. 1.

VIEIRA PINTO, Á. **La demografia como ciencia**. Santiago, Chile: Centro Latino Americano de Demografia (CELADE), 1975.

VIEIRA PINTO, Á. **O Conceito de tecnologia**. São Paulo: Contratempo, 2005. V. 1.

VIEIRA PINTO, Á. **Por que os ricos não fazem greve?** **Caderno do Povo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

VIEIRA PINTO, Á. **Sete lições sobre educação de adultos**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

#### **AUTORIA:**

\* Doutorado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Professor no PPG e na graduação em História, na Universidade Estadual do Paraná. Contato: vanderlei.amboni@unespar.edu.br.



**COMO CITAR ABNT:**

AMBONI, V. Concepção de homem, trabalho, cultura e educação em Álvaro Vieira Pinto. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 24, p. 1-21, 2024. DOI: 10.20396/rho.v24i00.8674005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8674005>. Acesso em: 15 abr. 2024.

**Notas**

- <sup>1</sup> Carinhosamente chamada de AVP por Vinícios de Moraes, Álvaro Borges Vieira Pinto nasceu em Campos [RJ] em 11 de novembro de 1909. Formado em Medicina em 1932 pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, teve uma breve passagem pela Ação Integralista Brasileira, a qual ingressou em 1934. Como profissional, formou-se também em Física e Matemática, mas se destacou como filósofo. Homem de ação política-intelectual, se notabilizou por sua posição materialista e dialética na interpretação da realidade nacional, cuja intelectualidade emprestou na defesa de um desenvolvimento nacional com autonomia para formar o Brasil soberano. A centralidade de seus estudos se processa sobre o conceito de “trabalho”, cuja base emana a educação, cultura, ciência, técnica, tecnologia etc. Nele, o homem se hominiza/humaniza em seu processo “evolutivo” humano-social. Na produção da vida material, o homem cria a cultura e, com ela as formas de desenvolvimento social-humano. Em 1955 tornou-se chefe do Departamento de Filosofia do Instituto Superior de Estudos Brasileiros [ISEB], onde permaneceu até de o golpe militar de 1964. Em 13 de abril de 1964 os militares extinguiram o ISEB e, com a edição do Ato Institucional nº 01, foi cassado e partiu para o exílio, retornando ao Brasil no ano de 1968. Traduziu obras de interesse social. Em 1982, publicou o livro *Sete lições sobre educação de adultos*. AVP faleceu no Rio de Janeiro em 11 de junho de 1987.
- <sup>2</sup> Para nós, a categoria ‘existência’ nada tem de idealista nem de antissocial, não significa ‘o modo pessoal de vida’, mas ao contrário, implica tudo quanto há de pessoal na individualidade, os fundamentos materiais, objetivos, sociais das determinações particularizantes, que engendram o ser único e insubstituível a partir de condicionantes coletivos e gerais. A existência não se reduz à consciência, conforme a tese central das filosofias existencialistas, mas adquire a apresentação da realidade a partir do processo biológico que produz essa representação em função das condições sociais objetivas (Vieira Pinto, 2005, p. 23).
- <sup>3</sup> [...] el hombre es, por definición, un ser que produce su existencia. Al contrario del animal irracional, que se reproduce en las condiciones que el medio le ofrece, el hombre crea las condiciones que le permiten vivir y reproducirse (Vieira Pinto, 1975, p. 20).
- <sup>4</sup> [...] El espíritu del hombre llega a conocer el mundo objetivo en la medida en que las hipótesis concebidas para explicar la realidad van siendo comprobadas y, por lo mismo, pasan a la dignidad de teorías, que son la expresión de la máxima inteligibilidad del mundo de los fenómenos sensibles (Vieira Pinto, 1975, p. 8).